

A “sociedade da informação” em debate

Antonio Paim

Pode-se afirmar a existência de certo consenso acerca de quais seriam as principais obras representativas do curso evolutivo da cultura ocidental, isto é, aquelas obras que marcaram e definem a nossa cultura. Abrangem textos de autores que se dedicaram à filosofia, à política, à moral, à religião e à ciência, mas igualmente de cunho literário. Compreende basicamente cultura geral, não especializada.

O pressuposto de sua organização seria a admissão da existência de um patrimônio comum ao Ocidente.

A missão de preservá-lo foi atribuída inicialmente aos mosteiros, passando em seguida à Universidade medieval. Com a Reforma Protestante e o surgimento da ciência moderna, ocorre um grande choque em relação ao entendimento do seu conteúdo. A radicalização daí decorrente explica que Napoleão haja simplesmente fechado a Universidade Francesa (Sorbonne) e Pombal tenha destruído a Universidade tradicional portuguesa para colocar em seu lugar uma nova instituição onde fosse admitida a ciência. Quando os ânimos se acalmaram, encontrou-se uma fórmula para o ingresso da ciência no conjunto que deveria proporcionar conhecimento não especializado, fazendo-o através das obras marcantes e decisivas de seu rumo, isto é, não através de manuais.

A forma de preservação do pretendido patrimônio comum tem variado segundo os países. Em muitos deles, fazem-no nos cursos de nível secundário. No mundo anglo saxão surge uma experiência interessante. Tradicionalmente, o ingresso na Universidade dava-se através de uma Faculdade (Liberal Arts) incumbida de proporcionar cultura geral a todos que nela ingressavam. Com a expansão do ensino profissional de nível superior, aquela praxe circunscreveu-se às universidades tradicionais (Estados Unidos) e, na Inglaterra, ao instituto que preservou o nome de Universidade, com matrícula reduzida. Em compensação, nos Estados Unidos criou-se o *Endowment for Humanities*, incumbido de fomentar a cultura geral de forma independente das instituições de ensino, com resultados verdadeiramente espantosos. Na Inglaterra, a *Open University*, em associação com a BBC, mantém programas dessa índole da melhor qualidade.

Os percalços encontrados pela preservação do patrimônio cultural comum, antes apresentado de modo sumário, não poderiam deixar de originar disputas quanto ao seu conteúdo. Não tendo cabimento enfrentar aqui estes problemas, o que nos levaria a tangenciar o presente objetivo, vamos nos limitar a explicitar as divergências acerca da própria

sobrevivência da cultura geral, em face do que se convencionou denominar de “sociedade da informação”.

O modelo mais acabado do conjunto das obras representativas de nossa cultura é aquele preservado pelo St John’s College, dos Estados Unidos, justamente o que serviu de inspiração para a publicação dos *Great Books* da Enciclopédia Britânica. Seu eixo central é integrado pelas obras que refletem a evolução da meditação filosófica, do pensamento político, da discussão em torno da fundamentação da moral --disciplina que se consagrou com o nome de Ética-- e dos debates suscitados pela religião. As obras literárias ali incluídas, selecionadas com o mesmo rigor das precedentes, são aquelas que contribuíram para fixar facetas marcantes da pessoa humana. Ao todo, a lista do St John’s compreende cerca de 120 autores, dos quais 25 de obras literárias consagradas. Trata-se de um curso ministrado em quatro anos letivos.

De um modo geral, contudo, as diversas instituições voltadas para a difusão da cultura geral partem do reconhecimento de que ninguém conseguirá ler tudo nem inteirar-se de tudo. O conjunto indicado objetiva proporcionar um fio condutor e, ainda que estruturado com o máximo de realismo, jamais constituirá uma camisa de força.

O critério para a seleção de obras literárias não poderia ser diferente daquele que norteou a escolha dos demais textos capazes de facultar cultura geral. A cultura geral deve, antes de mais nada, proporcionar familiaridade com os valores da cultura ocidental, assimilados criativamente de forma a poder avaliar, com equilíbrio, a experiência da civilização em que nos inserimos, enquadrando-a numa adequada perspectiva histórica. Subsidiariamente, incumbe-lhe contribuir para a capacitação no expressar-se de modo correto e no conhecimento da tradição literária nacional e, ainda, conhecer o objeto, o método e a história das principais disciplinas científicas.

A familiaridade com a cultura geral deve levar à compreensão de que a cultura forma uma totalidade viva, em permanente enriquecimento e que não se secciona em compartimentos estanques. Tal compreensão há de resultar de uma atitude respeitosa e interessada diante de suas diversas manifestações bem como do compromisso com o subsequente auto-aperfeiçoamento.

Em nosso tempo, estabeleceu-se uma grande celeuma em torno da sobrevivência do livro. Generalizou-se a crença de que, dada as facilidades criadas pela informática no que respeita à possibilidade de armazenagem da informação, desapareceria a necessidade de termos acesso direto aos livros. As novas gerações estariam sendo educadas para prescindir totalmente do hábito de leitura. Em seu lugar entraria o telefone celular e a filiação às redes onde o principal treinamento consistiria em acostumar-se a reduzir as formas de comunicação a textos com número limitado de caracteres.

Nos tópicos subsequentes discutiremos se efetivamente a espantosa multiplicação dos recursos disponíveis para difusão do conhecimento implicam as indicadas conseqüências.

O acesso fácil à informação dispensa o hábito de leitura ?

O enfrentamento da questão proposta exige que se estabeleça a imprescindível distinção entre a freqüência à escola e os outros segmentos da vida.

Naturalmente, o aprendizado não se restringe aos longos anos em que todas as pessoas são obrigadas a freqüentar bancos escolares pela simples razão de que, ao contrário dos outros animais, o homem não nasce com instintos que prescindiriam da dependência de formas específicas de treinamento. Andar, alimentar-se ou criar hábitos de higiene pessoal -- essenciais à sobrevivência-- requerem aprendizado específico.

O aprendizado que se dá na escola tem características próprias.

O essencial nesse tipo de aprendizado consiste em que deve proporcionar familiaridade com conceitos. Cada disciplina profissional acha-se estruturada com base numa série, sempre muito extensa, de conceitos, isto é, de idéias centrais que a tipificam.

O criador da ciência da administração, Peter Drucker (1909/2005) ensinou-nos que o cerne dessa disciplina residiria no “estudo de casos”. Mais precisamente: compete a quem se proponha estudar a matéria apropriar-se da experiência de determinada empresa. No fundo, essa experiência estará consubstanciada num conjunto de conceitos.

Quer isto dizer que, para cursar essa disciplina, com o enfoque indicado, terá que estudar diretamente num dos livros do autor ou num texto que se proponha apresentar o conjunto de suas idéias. Sem dispor do hábito de estudo, que se resume numa leitura especial e atenta, certamente não dará conta da tarefa.

Naturalmente, a aproximação a uma obra literária não requer essa forma de estudo. Mas se quisermos que essa aproximação se traduza numa modalidade de aquisição de cultura geral, não pode resumir-se à leitura do que nos caia nas mãos. É preciso dar-se conta de que as obras consagradas como expressão da cultura ocidental não se limitam a distrair. Permite que nos apropriemos da experiência vivida numa determinada época bem como do reconhecimento da diversidade dos tipos humanos. É certo que, em nosso tempo, o escritor consagrado tem sua audiência limitada aos que o apreciam nessa condição. Desapareceu o “intelectual” que se atribuía a função de “profeta”. No texto comentado, adiante, Vargas Llosa discute esse aspecto da questão.

A mudança de perfil dos grandes escritores

Ao comentar o livro *A morte do grande escritor*, da autoria de Henri Aczynow, publicado em 1994, num texto divulgado como colaboração à imprensa --forma de atuação que tem praticado ao longo da vida--, selecionando-o para incluir na coletânea *A linguagem da paixão* (tradução brasileira, São Paulo: ARX/Instituto Tancredo Neves, 2002), Mário Vargas Llosa esclarece com propriedade a questão. Trata-se do desaparecimento de uma determinada categoria e não do conjunto. Escreve: “em nossos dias não existe uma única daquelas figuras que, no passado, à maneira de um Victor Hugo, irradiavam um prestígio e uma autoridade que transcendiam o círculo de seus leitores e do especificamente artístico e delas fazia uma consciência pública, um arquétipo cujas idéias, tomadas de posição, modos de vida gestos e manias serviam de padrões de conduta para um vasto setor.”

A seu ver, o clima histórico que favoreceu o seu aparecimento resultou do encaminhamento que teve o racionalismo promovido pelo chamado Século das Luzes, “quando os filósofos deicidas e iconoclastas, depois de matar Deus e os santos, deixaram um vazio que a República teve que encher com heróis laicos.”

Com a expansão do desenvolvimento material, que trouxe como consequência o nivelamento dos cidadãos e o esmaecimento do papel das elites, desaparece esse tipo de intelectual. No momento em que produzia esse texto, considerava que a televisão seria o grande instrumento da democracia.

Entendia, então, que “essa dessacralização da pessoa do escritor não me parece uma desgraça; pelo contrário, põe as coisas no seu lugar, pois a verdade é que não implica que quem assim está dotado para a criação literária goze de clarividência generalizada.”

Em 1994, a posição de Vargas Llosa era a seguinte:

“Em vez de se deprimir ou se considerar um ser obsoleto, expulso da modernidade, o escritor de nosso tempo deve, isso sim, sentir-se estimulado pelo formidável desafio que significa criar uma literatura que seja digna daquela capaz de chegar a esse imenso público potencial que o espera, agora que graças à democracia e ao mercado, existem tantos seres humanos que sabem ler e podem comprar livros, coisa que jamais aconteceu no passado, quando a literatura era, com efeito, uma religião, e o escritor um pequeno deus ao qual rendiam culto e adoravam “as imensas minorias”. Que a cortina fechou-se para os escritores pontífices e narcisos, não há dúvida, mas o espetáculo pode ainda continuar se seus sucessores conseguirem que seja menos pretensioso e muito divertido.”

No livro que publicou em 2012, com o título de *A civilização do espetáculo* (tradução brasileira: Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2013), Vargas Llosa considera que aquilo que os meios de comunicação colocaram em lugar da cultura que erigimos no passado reduz-se progressivamente a alimentar as paixões baixas dos comuns dos mortais. Vejamos, ainda que resumidamente, em que consiste essa reação.

A civilização do espetáculo não substitui a cultura

No livro indicado, Vargas Llosa demonstra que existe hoje toda uma linhagem de obras --majoritariamente de origem francesa-- que preconiza a substituição dos valores tradicionais por algo que chega a reconhecer-se como **contra-cultura**. Cita: Guy Debord – *La société du spectacle* (Paris: Galimard, 1992); George Steiner --*No castelo de Barba Azul: algumas notas para a redefinição da cultura* (tradução espanhola: Barcelona, Ed. Gedisa, 2006); Gilles Lipovetsky e Jean Serroy – *A cultura-mundo. Resposta a uma sociedade desorientada* (trad. espanhola: Barcelona, Ed. Anagrama, 2010) e Frederic Martel – *Mainstream*. (Paris: Flammarion, 2010).

A **corrente principal** (*mainstream*) seria a prevalência do entretenimento. Indica Vargas Llosa: Martel não se ocupa de livros “nem de pintura ou escultura, nem de música ou dança clássica, nem de filosofia e humanidades em geral mas exclusivamente de filmes, programas de televisão, videogames, mangás, shows de rock, pop ou rap, vídeos e **tablets**, bem como das “indústrias criativas” que produzem, patrocinam e promovem, ou seja, das diversões do grande público que foram substituindo a cultura do passado e acabarão por liquidá-la.”

Destaca que o autor vê com simpatia essa transformação. Parece-lhe que “arrebato a vida cultural à pequena minoria que antes a monopolizava e a democratizou, pondo-a ao alcance de todos.” E ainda que os conteúdos dessa nova espécie de cultura estaria em consonância com os avanços científicos e tecnológicos em geral.

No entendimento de Vargas Llosa essa realidade não tem merecido a necessária atenção de parte da sociologia e da filosofia. O certo é que a imensa maioria do gênero humano “não pratica, não consome nem produz outra forma de cultura que não seja aquela que, antes, era considerada pelos setores cultos de maneira depreciativa, mero passatempo popular, sem parentesco com atividades intelectuais, artísticas e literárias que constituíam a cultura.” Na visão de Martel essa já teria morrido, sobrevivendo apenas em pequenos nichos sociais, sem influir de modo algum sobre o que se transformaria no fluxo principal.

Afirma Vargas Llosa; “A diferença essencial entre a cultura do passado e o entretenimento de hoje é que os produtos daquela pretendiam transcender o tempo presente, durar, continuar vivos nas gerações futuras, ao passo que os produtos deste são fabricados para serem consumidos no momento e desaparecer, tal como biscoitos ou pipoca. Tolstoi, Thomas Mann e ainda Joyce e Faulkner escreveram livros que pretendiam derrotar a morte, sobreviver a seus autores, continuar atraindo e fascinando os leitores nos tempos futuros. As telenovelas brasileiras e os filmes de Hollywood, assim com os shows de Shakira, não pretendem durar mais que o tempo da apresentação, desaparecendo para dar espaço a outros produtos geralmente bem sucedidos e efêmeros. Cultura é diversão e o que não é divertido não é cultura.”

O ponto fraco desse movimento, diríamos nós, consiste em que a vida não se reduz a entreter-se. A sociedade em que vivemos não é a sociedade do entretenimento. O mundo do trabalho é extremamente competitivo. Não basta ter domínio do funcionamento do **tablet** ou do celular para assegurar-se um emprego, ainda que vinculado ou dependente da informática. A autêntica formação profissional não pode prescindir do hábito da leitura e do estudo. O conhecimento não irá sustentar-se graças à simples habilidade em acessar informações.

A par disto, há duas outras circunstâncias que atuam no sentido de contrapor-se ao mencionado movimento.

A primeira delas diz respeito à perspectiva de desenvolvimento do ensino de nível superior, na previsão do conhecido estudioso norte-americano Nathan Harden. Em ensaio publicado na revista *The American Interest* (january/february, 2013), intitulado *The end of universities as we know it*, afirma que o grande desenvolvimento a verificar-se dirá respeito ao ensino à distância. As grandes universidades norte-americanas e européias passarão a ter milhões de alunos em conseqüência do que desaparecerão os **campi**.

Na mencionada modalidade de ensino, o primeiro passo há de consistir em instruir o aluno quanto às formas de estudar. O ensino à distância repousa em dois instrumentos simultâneos e imprescindíveis: um texto de excelente qualidade e eficaz sistema tutorial. De parte do aluno, se não aprende a estudar não saberá tirar proveito do material de qualidade a que terá acesso, notadamente, de um lado, em adquirir a habilidade de apropriar-se do essencial e, ao mesmo tempo, tirar partido da possibilidade de acesso ao tutor.

A segunda consiste em que na INTERNET não estão acessíveis apenas os textos simplificados e de informação mínima e superficial. Pode-se acessar material de outra índole, facultados por sites e instituições renomadas.

Na própria televisão, em especial na TV a cabo, há filmes culturais de excelente qualidade. Para citar apenas os ingleses, a BBC e a Open University produzem material de valor excepcional.

Quanto à produção cultural, com exceção talvez da arte plástica contemporânea --que parece ter sucumbido de forma irreversível à mediocridade--, os grandes museus mantêm acesso ao notável patrimônio histórico acumulado pela arte do Ocidente. No que respeita ao cinema, Hollywood enveredou pelo caminho da produção em massa, embora abrigue atores de excepcional qualidade, acha-se ao serviço exclusivo do entretenimento vulgar. Contudo, o cinema europeu tem dado provas da capacidade de resistência.

Na preservação e desenvolvimento do nosso patrimônio musical, sobrevivem tanto nos Estados Unidos como na Europa, instituições que continuam impávidas na sua trajetória, a exemplo do Carnegie Hall.

Registre-se, por fim, que, nos Estados Unidos, o *Endowment for Humanities*, mantido pelo governo federal, realiza um trabalho notável no âmbito da cultura geral.